

**Pesquisar é estranhar a realidade:  
processos de subjetivação e cotidiano**

*Researching is to strange reality:  
subjectivation process and everyday life*

*Investigar es producir extrañeza en la realidad:  
procesos de subjetivación y vida cotidiana*

Eduardo Simonini<sup>1</sup> 

Roberta Carvalho Romagnoli<sup>2</sup> 

A produção de conhecimento não é uma linha reta que segue em direção a um incontestado progresso. Ao contrário disso, tal produção sofre contínuas perturbações, no entrelaçamento de saberes, práticas, maneiras de pensar, uma vez que “ideias, afinal, são parte de uma composição de circunstâncias históricas e germinam na cultura onde outras ideias e crenças circulam, podendo ali encontrar ou não ressonância” (MARTINS, 2020, p. 150). E isso não foi diferente nos últimos quinhentos anos na sociedade ocidental, em que aos poucos foram germinadas concepções de mundo as quais se convencionou chamar de “modernidade”. E igualmente foi se tornando convenção considerar que esta modernidade teve seu “ponto inaugural” no sistema de ideias que o francês René Descartes (1596-1650) colocou em movimento. Se a Idade Média foi atravessada por um pensamento marcadamente teológico, tendo na indubitabilidade do poder de Deus sua fonte principal de organização, Descartes construiu suas problematizações – marcadas pelo primado da dúvida e do questionamento – na tensão entre a experiência do “eu” e a noção do que vem a ser a realidade. Diferentemente do questionamento até então recorrente sobre “o que é o mundo?”, o pensamento cartesiano faz outras perguntas: “quem é que conhece? Como saber se o mundo é verdadeiro a quem o conhece?”. Política e socialmente, a Revolução Francesa se tornou um marco social de tal era moderna, no momento em que foi um movimento que literalmente decepcionou a cabeça dos modos milenarmente instituídos de governo, inaugurando na Europa outras possibilidades de governamentalidade, mas também de pensar a autonomia individual e a construção social.

Diante da fragmentação das certezas medievais, quando crenças e valores – que até então pareciam constitui um estável “para sempre” – foram repentinamente substituídas por um horizonte incerto, provocativo, estimulante e igualmente perigoso, o “estranho” funcionou tanto como objeto de encanto quanto de angústia, gerido pelo primado da razão. A era moderna surgiu, pois, nessas convulsões do estranhar um mundo até então fixado como imóvel, sustentada pelo avanço progressivo da ação do homem sobre a natureza. A dúvida provocativa trazida pelo pensamento moderno colocou em crítica a perenidade do pensar-fazer produzido

<sup>1</sup> Universidade Federal de Viçosa (UFV) – E-mail: simonini198@gmail.com

<sup>2</sup> Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) – E-mail: robertaroma1@gmail.com

por instituições religiosas, reinados e outras maneiras de existir que, por não sustentarem a veemência da comprovação no fato observável, passaram, pela perspectiva moderna, a ser qualificadas como supersticiosas.

Na modernidade, o mundo em si, e não apenas o mundo do pensamento, passou por questionamentos. A própria geografia do planeta se transformou a partir das grandes navegações associando o mundo europeu, americano e asiático; no campo até então hegemônico da religião católica houve o surgimento de diferentes cristianismos como, por exemplo, o movimento da Reforma Protestante; os saberes populares passaram a ser qualificados como credices ignorantes, uma vez que não mais eram compreendidos como legítimos pelo fato de não possuírem verificação empírica segundo as regras das lógicas científicas emergentes. Contudo, essa mesma era trouxe, junto com o movimento de estranhamento da realidade até então estabelecida, a proposição de uma nova busca por uma verdade irremovível – e por isso mesmo eterna – que fosse revelada aos seres humanos não mais pela intuição divina, mas pela experimentação científica. Transferiu-se assim a certeza da religião para a idolatria do conhecimento científico. O pensamento da modernidade aos poucos passou a defender a perspectiva de que o mundo tinha segredos que não eram necessariamente relegados aos mistérios da fé, mas articulados a leis da natureza que podiam ser desvendadas pela própria mente humana. Estranhar era, pois, questionar os aparentes mistérios da existência – fossem estes assuntos da terra ou das estrelas – para poder extrair dali verdades ocultas a desvelar leis escondidas de um universo matematizável e igualmente pensável dentro das referências cognitivas dos seres humanos.

Certo é que tais questões trouxeram interferência na própria noção de pesquisa científica, sendo que a realidade, vista como sendo um quebra-cabeça a ser decifrado – um código a ser desvendado por meio de ferramentas teórico-metodológicas cada vez mais apuradas – foi assumida como possuindo uma essência imutável a servir de modelo a partir da qual se organizavam todas as variações possíveis. Compreender esse núcleo fundante, essa verdade, ponto da gênese do cosmos, das grandes narrativas e de tudo que o difere, se tornou um projeto, seguramente ambicioso, da ciência moderna em seus desdobramentos em diferentes áreas de conhecimento.

Porém, seria possível fazer da dúvida metódica cartesiana um instrumento de questionamento das verdades que a própria modernidade acolheu para si: verdades instaladas em grandes narrativas a definir posições de gênero, de universo, de educação, de conduta, de futuro, de ordem, de felicidade, de humanidade? Seria possível estranhar inclusive a própria noção de “essência”, de “verdade” e de “realidade”? Seria possível novamente utilizar a ferramenta da dúvida para produzir estranhamento no que já está estabelecido como incontestado e colocar movimento problematizador naquilo assumido como inquestionável?

A partir desses desassossegos, os artigos reunidos neste dossiê têm por proposta – cada um em seu campo de problematização – trazer um pensar que estranhe, colocando movimento em perspectivas consideradas estáveis em sua naturalidade, driblando a “verdade” e acolhendo as interferências produzidas (tanto na realidade, quanto no próprio pesquisador) pelo processo de conhecer.

Nesse sentido, Roberta Carvalho Romagnoli, docente na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, coloca em análise, no artigo “**Sobre a (im)possibilidade de dar voz aos usuários das políticas públicas: reflexões a partir da prática intersetorial**”, as relações da prática intersetorial com as famílias no Núcleo Intersetorial Regional Técnico (NIR-T) de uma das regionais de Belo Horizonte, problematizando como as políticas públicas interferem nas dinâmicas dos atendimentos às famílias. Dentro da mesma perspectiva de problematizar políticas sociais, Maria Jose Garcia Oramas, docente na Universidad Veracruzana (México), analisa, no artigo “**Abuso e assédio sexual no contexto universitário, os caminhos da práxis**”, a implementação de um programa de prevenção, atenção e punição ao assédio sexual naquela mesma universidade.

Ainda acompanhando as intensidades minoritárias que atravessam as dimensões do social, Ana Karenina de Melo Arraes Amorim e Maria Teresa Lisboa Nobre Pereira (ambas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte), ao considerarem o contexto biopolítico contemporâneo, procuram, no artigo “**Produção de conhecimento e cotidiano: desafios para a pesquisa na afirmação da vida**”, discutir a produção de conhecimentos no cotidiano a partir de uma experiência de pesquisa-intervenção com pessoas em situação de rua e usuários da rede de atenção psicossocial.

Dentro desta mesma perspectiva, Diego Arthur Lima Pinheiro (da Universidade Estadual de Feira de Santana) e Luis Antônio dos Santos Baptista (da Universidade Federal Fluminense) propõem, no artigo “**Atlas Narrativo de vidas na rua: experimentações éticas de uma metodologia**”, a composição de um atlas produzido a partir de fragmentos narrativos do encontro com a população de rua que ocupa o Centro Histórico de Vitória/ES, a fim de explicitar a dimensão ético-política das ocupações realizadas por essa população. Também em Vitória, a partir de seus trabalhos na Universidade Federal do Espírito Santo, Janete Magalhães Carvalho e Steferson Zanoni Roseiro problematizam, no artigo “**A potência das imagens e da fabulação criadora para o pesquisar no cotidiano escolar**”, o uso de imagens nas redes de conversação dos cotidianos escolares como recurso potente para, na produção de fabulações criadoras, movimentar maneiras de pensar que se distanciem das imagens-clichês.

Sandra Kretli da Silva, Priscila dos Santos Moreira e Nathan Moretto Guzzo Fernandes, pesquisadores desta mesma universidade, apresentam, no artigo “**Pesquisa e prática discursiva sobre currículo na comunidade acadêmico-científica: territórios e conexões**” a proposta de cartografar, a partir do diálogo com as obras de Gilles Deleuze, Félix Guattari e Michel Foucault, as vinculações institucionais de autores que, dedicando-se à discussão sobre currículo, publicaram no periódico internacional *Transnacional Curriculum Inquiry* (TCI) e nos dossiês organizados pela Associação Brasileira de Currículo (ABdC).

Já Eduardo Simonini, da Universidade Federal de Viçosa/MG, propõe, em seu artigo “**Estamos voando sobre uma bola de fogo: movimento, multiplicidade e realidade cotidiana**”, que a realidade seja pensada não como uma essência imutável, mas como um processo de multiplicidade em que em um mesmo cotidiano há diferentes dimensões e intensidades de existência. O que tece diálogo com o artigo “**Procedimentos didáticos de invenção: a potência dos signos das artes**”, de autoria de Karen Elisabete Rosa Nodari e

Sandra Mara Corazza (ambas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul), que se dedica a traçar um paralelo entre a postura investigativa do pensamento lógico-cartesiano e o pensamento da filosofia da diferença.

Diferença esta que igualmente promove estranhamentos no encontro na diversidade cotidiana, especialmente no artigo **“Colocando as miçangas na guia”: o pesquisar em saúde nos terreiros de umbanda**”, em que Matheus Barbosa da Rocha (na Universidade Federal do Piauí), Ana Kalliny de Sousa Severo (da Universidade Federal do Rio Grande do Norte) e Antônio Vladimir Félix da Silva (da Universidade Federal do Piauí) se dedicam a apresentar os desdobramentos metodológicos de uma pesquisa realizada no encontro entre três terreiros de Umbanda de uma cidade do interior do Piauí e as consequentes Equipes de Saúde da Família que faziam cobertura dos referidos estabelecimentos sagrados.

E foi, pois, no continuar a pensar na multiplicidade e na diferença que Sébastien Pesce (da Université d'Orléans/França), a partir das concepções de Félix Guattari e da filosofia da diferença, dedica-se em **“Atualidade da perspectiva esquizoanalítica: assombro, enunciação, subjetivação”**, a problematizar se profissionais da educação estão abertos à sensibilidade de se surpreender (e de pensar diferentemente) sua realidade profissional cotidiana a partir dos processos de subjetivação em que se envolvem.

E nesse movimento de pensar o “surpreender”, Rosane Preciosa (da Universidade Federal de Juiz de Fora), em seu artigo **“Reparar nas coisas: de repente algo acontece e somos outro”**, dedica-se a tecer reflexões sobre o ato de pensar e escrever presente nas práticas acadêmicas atuais, questionando o quanto textos, no operar com informações e citações, muitas vezes trazem a ausência da voz daquele que pensa e escreve; ausência de uma singularidade de um “autor” que é, ele próprio, atravessado em multiplicidade.

Por fim, Simone Mainieri Paulon, Ariadne Cedraz de Cerqueira e Fernanda Goulart Martins (todas elas pesquisadoras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul) propõem no artigo **“Estranhamentos na Pesquisa Bibliográfica: invenção cartográfica na busca sistemática”**, pensar uma metodologia bibliográfica de pesquisa que mesmo praticada em procedimentos aparentemente padronizados, possa, ancorada numa proposta cartográfica, comungar também com a invenção, com a diferença e com a multiplicidade.

Esperamos, portanto, que a leitura deste dossiê seja potente e multiplicadora, na expectativa de que estranhamentos outros sejam produzidos no encontro com dúvidas que sustentem processos complexos e apostem na ciência como uma prática social.

## Referências

MARTINS, Ana Cecília Impellizieri. **O homem que aprendeu o Brasil**: a vida de Paulo Rónai. São Paulo: Todavia, 2020.

